

SOBRE A EMERGÊNCIA DE CONSTRUÇÕES: EVIDÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS

Angélica RODRIGUES

Universidade Federal de Uberlândia
angelica_rodrigues@hotmail.com

Resumo

O objetivo desse artigo é discutir, a partir de uma abordagem que busca aliar os estudos da gramática das construções e de gramaticalização, a emergência das construções verbais paratáticas (CVPs), fornecendo dados relevantes para o aprofundamento do debate acerca tanto da ampla distribuição dessas construções em línguas românicas quanto das relações de herança entre construções numa determinada língua.

Palavras-chave

gramaticalização; gramática das construções; línguas românicas.

Introdução¹

Uma vez que o termo “gramaticalização” tem sido usado mais recentemente com mais de uma acepção por autores diversos (cf. NOËL, 2007), faz-se necessário esclarecer qual o conceito de gramaticalização será utilizado neste trabalho. Dessa forma, gramaticalização é entendida aqui como a mudança através da qual em certos contextos linguísticos os falantes usam (parte de) uma construção com uma função gramatical, ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical (TRAUGOTT, 2009, p.91).

Em acordo com a proposta de Hopper & Traugott (2003, p. 18) gramaticalização também é vista como a mudança através da qual itens ou construções são usados em certos contextos linguísticos com funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Da mesma forma, a utilização do termo “construção” demanda cautela, pois, embora seja recorrente na literatura linguística, inclusive nos trabalhos sobre gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 2003; BYBEE *et al.*, 1994; BLSANG, 1998), é usado muitas vezes para se referir a uma unidade linguística maior do que uma palavra. Os estudos desenvolvidos sob o prisma da Gramática das Construções (GC), que tem como objetivo principal propor, por um lado, uma abordagem teórica do conceito de construção e, por outro, advogar a favor do reconhecimento das construções como unidades básicas da língua, oferecem uma definição para o termo, qual seja, uma construção constitui-se de uma unidade convencional baseada no emparelhamento entre forma e significado:

C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um par forma-significado <Fi, Si> tal que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente previsto em partes componenciais de C ou em construções previamente estabelecidas (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Além das noções de gramaticalização e de construção, este trabalho aborda também o conceito goldberiano de “Relações de Herança”, que, em associação com os desenvolvimentos previstos nos processos de gramaticalização, é pertinente para tratar da emergência das CVPs e de sua relação com outras construções. Pressupõe-se dessa forma que o repertório de construções é um conjunto estruturado e existem generalizações esquemáticas entre as construções (GOLDBERG, 1995).

As construções verbais paratáticas (CVPs)

As CVPs caracterizam-se pela sequência de dois (ou mais) verbos flexionados, V1 e V2, conectados ou não pela conjunção *e*, para as variedades do Português, ou

¹ Este artigo apresenta resultados do Projeto de Pesquisa “Gramaticalização de construções em línguas românicas: um estudo comparativo”, que tem apoio financeiro da FAPEMIG (Processo SHA-APQ-00681-09).

y, para as variedades do Espanhol. Embora se observe a presença de mais de um verbo nessas construções, apenas V2 mantém sua aceção lexical. V1, por sua vez, apresenta uma função gramatical, como veremos ao longo desse artigo.

A análise contrastiva entre CVPs presentes no PB, PE e no Espanhol nos revela, por um lado, um conjunto de propriedades comuns a essas línguas, e por outro, propriedades exclusivas de certas modalidades.

Para este trabalho, analisaremos dados² das modalidades falada e escrita do Português Brasileiro e Europeu e de algumas variedades do Espanhol³. As ocorrências em destaque em (1) correspondem a casos de CVPs no Português Brasileiro:

1. [ele] (policial) vinha passan(d)o.. e **eu peguei vi** né? e é lógico que eu num sô(u) bobo que eu sei que os cara bate me(s)mo se eles pegá(r)... **eu catei... fui em direção d'uma torne(i)Ra** que tinha assim be(i)ran(d)o num... tipo naquelas planta que tem espinho... aí liguei a torne(i)ra fingi que eu tava bebendo água com uma mão na boca ((coloca a mão na boca tentando mostrar como aconteceu)) e a o(u)tra eu joguei... no mato... e saí andan(d)o pra ele num num:: desconfiá(r) de nada **eu peguei e saí andan(d)o** tipo no... in(d)o po lado da lojas assim eu falei – “na volta eu paro aqui e pego né?” (Iboruna, AC031)

A ocorrência em (2), por sua vez, representa os casos de CVPs no Português Europeu:

2. INQ: E não havia assim umas coisas redondas de pedra?
INF: Não. A gente aqui não usava isso, de pedra. Era um comedouro, tinha uma divisão ao meio, uma tábua: desta parte aqui era a água e daqui era o comer. E depois eles já começavam a roer aquilo e a coisa, **a gente agarra-va, fazia em cimento**, para eles beberem a água. A gente às vezes inté era numa cova mesmo do chão, fazia-se o cimento e punha-se ali a água, que eles bebiam. (PTCord)

Já a ocorrência em (3) é representativa dos casos de CVPs em Espanhol:

3. Si cenamos ahí - O por ejemplo, la verdad es que muchas veces **cogemos y llamamos a una pizza** y tal, y ya desde - - no me acuerdo qué pasó. (EspOral:ACON012B)

² Para o PB, utilizamos os dados do Projeto PEUL – Amostra Censo e 00 – (www.letras.ufjf.br/peul/index.html) e do Projeto IBORUNA (www.iboruna.ibilce.unesp.br). Para o PE, os corpora utilizados foram o Corpus de Referência do Português Contemporâneo (www.clul.ul.pt) e o Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org). Para o Espanhol, utilizamos o Corpus del Español (www.corpusdelespanol.org) e o Corpus de Referencia del Español Actual (CREA) (www.rae.es).

³ Os corpora consultados são constituídos de dados do Espanhol falado nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Paraguai, Peru, Porto Rico, Uruguai e Venezuela. Até o momento, esses dados estão sendo analisados conjuntamente, porém, nosso objetivo é analisar separadamente todas as variedades do Espanhol. Assim, poderemos oferecer uma análise mais acurada das CVPs.

Propriedades das CVPs

Considerando dados de CVPs do Português e Espanhol, verificamos que os verbos que podem ocupar a posição V1 são:

PB: *ir, chegar, pegar, vir, virar, catar*

PE: *ir, chegar, pegar, agarrar*

ES: *ir, llegar, pegar, coger, agarrar, tomar*

Diferentemente de V1, V2 representa uma classe relativamente aberta, ou seja, essa posição pode ser ocupada por um número muito maior de verbos. V1 e V2 sempre compartilham o mesmo sujeito. Na maioria dos casos, V1 e V2 compartilham flexões modo-temporais e número-pessoais. Todavia, em alguns casos de CVPs do PE, V1 e V2 podem apresentar flexões diferentes, como em (4) e (5):

4. Eram seis e tal da tarde, perto das sete horas e ele ainda não tinha assaído de, aparecido, **eu peguei, toca a telefonar para o escritório**, aparece o patrão. (CRPC Pf0022)
5. Ele estava a nevar, nevava muito, eles não puderam ir. **Eu peguei e digo**: “Bem”. Depois dizia-me ela: “ Vai buscar a água. Vai buscar a água, que é preciso. Vem outro freguês para cozer “. Ela o que queria era que me eu desandasse. (190r:Pt:Cordial)

Com base no conjunto de dados, elencamos abaixo as propriedades formais e funcionais comuns aos casos de CVPs analisados:

- (a) As CVPs podem apresentar-se na forma de dois tipos. No tipo 1, V1 e V2 estão interligados pela conjunção *e* ou *y* para o Português e Espanhol respectivamente. No tipo 2, V1 e V2 se justapõem;
- (b) V1 nunca pode receber negação. O advérbio de negação *não* precede V2. As ocorrências abaixo correspondem a dados do PB, PE e Espanhol, respectivamente:
 6. E- E você é supersticiosa?
F- Está aí. Eu não sei lá. Eu- tem gente que fala: “faz mal passar por debaixo de escada”. **Aí eu vou e não passo**. Mas se tiver que passar, eu passo. (Inf. 23 – Amostra80)
 7. O madeirense emigrava para o novo mundo (América, África, Austrália) e fazia o raciocínio: “ eu vou para um lugar onde um dia possa ser patrão e não para continuar a ser empregado dos outros “. Isto fez com que **muita gente se agarrasse e não tivesse uma filosofia de regresso**. Curiosamente, a banca da Madeira tem a maior percentagem de depósitos em Portugal “ per capita “. (190r:Pt:Intrv:Jrnl)
 8. La pacaya que acaba de agarrar es grande y el compromiso es aún mayor. Tiene

dos opciones: pasar a ser sólo uno más de los Fiscales Generales que *llegan y no sacan adelante a la institución*, o realmente llevarla al lugar que debe ocupar, respondiendo así al hambre y sed de justicia que tiene toda Guatemala. (Guat:Gerencia:98MAY19)

- (c) Verbos que ocupam a posição V1 sofrem alterações em suas propriedades sintáticas e semânticas compatíveis com gramaticalização: V1 deixa de funcionar como verbo pleno, perdendo, além de seu sentido lexical (dessemanatização), sua propriedade de subcategorizar complemento e de receber negação (decatégorização);
- (d) V1 nunca pode ser alvo de interrogação;
- (e) As CVPs ocorrem preferencialmente em contexto de narrativas;
- (f) As CVPs, como resultado de um processo de gramaticalização, adquirem uma função de focalização, podendo, pois, serem descritas como uma construção de Foco.

Distribuição e Emergência das CVPs

Estudos prévios (COSERIU, 1977) dão conta da ampla distribuição desse tipo de construção, contudo, questões relacionadas à sua origem e ao seu desenvolvimento, assim como aos aspectos de suas forma e função linguísticas ainda demandam investigações mais profundas.

A maioria dos trabalhos conhecidos sobre construções como as CVPs incidem principalmente sobre **línguas indo-européias, como o Inglês** (PULLUM, 1990; STEFANOWITSCH, 1999, e HOPPER, 2002), o Espanhol (ARNAIZ & CAMACHO, 1999) e algumas outras línguas européias (cf. COSERIU, 1977; STEFANOWITSCH, 1999).

Em parte desses estudos, essas construções são associadas à coordenação e às construções com verbos seriais (CVSs) devido, principalmente, à sua configuração sintática que pode ser definida pela sequência de dois ou mais verbos flexionados. Não se percebe, todavia, nesses trabalhos uma preocupação em discutir a origem dessas construções.

Nosso estudo, por outro lado, leva em conta dados de CVPs encontrados em PB, PE e Espanhol para argumentar a favor da relação de herança entre as CVPs e as construções coordenadas⁴. Acreditamos que essa relação é fundamental para explicar a emergência e a função dessas construções.

⁴ Cf. RODRIGUES (2006) para uma descrição das propriedades compartilhadas pelas CVPs e as CVSs.

Hipóteses para a emergência e distribuição das CVPs nas línguas indo-européias

Coseriu (1977) apresenta duas hipóteses principais para dar conta da grande recorrência de um tipo especial de construção com *pegar*⁵ em línguas indo-européias. A primeira delas, identificada como hipótese poligenética, prevê que a ocorrência de construções como as CVPs em tantas línguas é uma coincidência casual, não sendo possível estabelecer uma razão comum para a origem dessas construções. O próprio autor (p. 132) reconhece que nenhuma eventualidade poligenética poderia explicar a perfeita coincidência estrutural e semântica entre as 24 línguas por ele analisadas.

A segunda hipótese, chamada de hipótese monogenética ou histórica, propõe que essas construções apresentam uma origem comum. Para Coseriu (1977, p. 134), essas construções têm uma origem grega, o que pode ser explicado, segundo o autor, não apenas pela influência linguística e cultural do grego nas línguas indo-européias, mas também pelo fato de que o que acredita serem as três principais propriedades dessas construções (uso de *pegar*, construções paratáticas e valor aspectual) encontrar explicação interna no grego. Nesse sentido, o autor defende que o grego antigo é o centro irradiador dessa construção.

Comungamos com Coseriu a opinião de que uma explicação que se apóie numa casualidade poligenética para a ampla distribuição das CVPs em línguas diversas é insustentável. Todavia, acreditamos que a proposição de uma origem grega para essas construções não é suficiente para responder as questões propostas neste trabalho. É preciso entender, por um lado, que mecanismos de mudança levaram ao desenvolvimento dessa construção e, por outro, qual a razão para que ela tenha se mantido tão produtiva ao longo dos séculos em tantas línguas.

Por conta disso, sugerimos uma terceira e última hipótese que propõe que as CVPs são o resultado de um processo de gramaticalização a partir da ordenação. Nossa hipótese está em parte representada na argumentação de Cuervo (1898 *apud* COSERIU, p. 136), que propõe o seguinte desenvolvimento para o Espanhol:

cogió su camino y se fue > cogió y se fue > coger y + outros verbos

Coseriu rejeita essa hipótese por duas razões. Em primeiro lugar, considera que essa explicação não é suficiente para justificar a difusão desse tipo de construção, muito menos sua antiguidade em tantas línguas. Em segundo lugar, pondera que não é possível assegurar que a construção *cogió su camino y se fue*, muito menos difundida, seja mais antiga e que tenha, portanto, dado origem a construções do tipo *cogió y se fue*. A isso se soma ainda, segundo

⁵ Estamos assumindo aqui que estamos tratando do mesmo tipo de construção gramatical e, portanto, iremos nos referir unificadamente a ele como CVPs.

Coseriu, a dificuldade de se comprovar que essa construção tenha surgido inicialmente com o verbo *ir*.

Acreditamos, por um lado, que o desenvolvimento proposto por Cuervo para o espanhol encontra respaldo num possível *cline* de gramaticalização na medida em que observamos ao mesmo tempo progressivos aumento de abstratização do sentido do verbo *coger* e perda de propriedades sintáticas desse mesmo verbo que deixa de subcategorizar complemento.

Por outro lado, o fato de não ser possível atestar que essas construções foram inicialmente usadas com o verbo *ir*, na posição V2, não invalida necessariamente, do ponto de vista da gramaticalização, a hipótese de Cuervo.

Embora Coseriu concentre sua análise nas construções em que os verbos de posse ocupam a posição V1, como *tomar*, *coger*, *agarrar*, temos evidências de que essas construções podem ocorrer, em diversas línguas, também com os verbos de movimento *ir* e *chegar*, na mesma posição. As pesquisas em gramaticalização nos ajudam a explicar porque, independentemente da língua em que ocorrem, as construções em questão são usadas sempre com os mesmos verbos na posição V1.

Considerando, portanto, as descobertas largamente atestadas sobre a gramaticalização de verbos e construções, somos levados a reconhecer que a hipótese da origem comum não é a única capaz de dar conta da emergência de construções tão similares em tantas línguas. Bybee *et al.* (1991), por exemplo, já demonstraram que o futuro em todas as línguas desenvolvem-se a partir de um pequeno conjunto de fontes lexicais e que todos os morfemas de futuro percorrem trajetórias similares de desenvolvimento. Reconhecem, portanto, que existem certas trajetórias universais de desenvolvimento (ou gramaticalização). Em outro trabalho, os mesmos autores (BYBEE *et al.*, 1994, p. 253) atestam que as fontes lexicais para a formação do futuro são extremamente reduzidas e recorrentes translinguisticamente. Ou seja, verbos como *come*, *go* e *want* são reconhecidamente fontes frequentes nos processos de gramaticalização de futuro.

Os estudos em gramaticalização, dessa forma, asseguram-nos que o fato de encontrarmos em várias línguas, de mesma família ou não, construções semelhantes, construídas com os mesmos verbos, não indica necessariamente que a única explicação seja a hipótese da origem comum.

Ademais a hipótese da origem comum, embora forte para as línguas indo-européias, pode se enfraquecer diante da ocorrência dessas construções em línguas de outras famílias. Por exemplo, Kilian-Hatz (2005, p. 119) descreve um tipo de construção com verbos seriais em *khwe*, *ani-khwe* e também em *!xun* com função “discursiva”, mais especificadamente, como marcador de um evento novo. Segundo a autora, em *khwe*, os verbos *yaá* (vir) e *cií* (chegar) são usados, na posição V1, para focalizar a ação verbal, indicando que um novo episódio da narrativa começou. Ambos os verbos já são usados como marcadores para um “movimento para um próximo está-

gio”. Em vários contextos, contudo, o movimento não é mais transparente e V1 funciona como um marcador de novo evento:⁶

9

n||átá tí-xá nò córó [cì múù-a-xu kúù-hè è], lù-||úá
 thus stand-ADVZ and monitor arrive see-II-COMPL go-3sg.F OBJ war-3pl.M
 kúù-hè ||ham-á-tè khóé kyáé-khòè-||à
 come-3sg.F come.near-I-PRES people arrest-AG-3pl.M
 Thus the rock monitor stands there; and then (he) sees the arrival, the
 arrival of the warriors; they are drawing near, the ones who arrest people

Podemos perceber que estamos diante de um tipo de construção muito próximo das CVPs⁷. Nesse caso, podemos questionar se a hipótese da origem grega⁸ para essa construção se sustentaria também para línguas *khoisan*, por exemplo.

Embora Coseriu defenda um valor aspectual para essas construções, o autor remete a algumas outras interpretações atribuídas a elas, ainda em grego, como construções de sentido enfático, intensificador. Scott (1940 *apud* Coseriu, p. 147) destaca que o primeiro verbo da construção “parece plenonástico, mas adiciona um efeito dramático”.

O autor reconhece que, dado um grande número de interpretações semelhantes de construções com *tomar*, apresentadas por autores diversos, é preciso reconhecer que essas construções apresentam o mesmo valor nas diferentes línguas listadas. Por outro lado, (COSERIU, 1977, p. 128) defende que essas construções expressam a *globalidade da ação* expressa pelo segundo verbo, isso quer dizer que implica tanto o ponto inicial quanto final dessa ação. Segundo o autor, todos os demais sentidos apresentados pela construção em contextos distintos podem ser justificados por esse sentido fundamental. Coseriu defende, desse modo, que as construções adquirem um caráter *intensivo*, na medida em que parecem por em relevo os conteúdos por elas expressos.

⁶ Conforme assevera Aikhenvald (2005, p. 46), “a motivação funcional para a serialização verbal está ligada à organização do discurso e ao empacotamento da informação”. A autora argumenta que a escolha entre um predicado monoverbal e uma CVS pode ser pragmaticamente motivada.

⁷ Construções do tipo das CVPs também são reiteradamente relacionadas às construções com verbos seriais (CVSs). Todavia, a natureza dessa relação é pouco explorada na literatura, ficando restrita apenas à sua configuração estrutural. Rodrigues (2006, p. 144) salienta, entretanto, que é possível que as construções coordenadas, CVSs e CVPs façam parte de um continuum de construções de predicação complexa, verificado translinguisticamente, em que se observam diferentes graus de integração de cláusulas.

⁸ Evidentemente até poderíamos pensar que essas construções tenham chegado às línguas *khoisan* via contato com outras línguas que não o grego. Todavia, para isso seria necessário assumirmos também que as construções com verbos seriais, muito comuns nas línguas africanas, possam ter origem em línguas indo-européias, o que certamente seria refutado por pesquisadores desse tipo de construção.

Rodrigues (2006), por sua vez, aponta que embora as CVPs possam apresentar valores associados à “tomada de decisão”, “contra-expectativa” e “surpresa”, há uma função que subjaz a todos esses outros sentidos, qual seja, uma função de dramatização ou ênfase. Isto é, nas CVPs, V1 dramatiza ou enfatiza os eventos codificados em V2. A função de V1 é, portanto, a de focalizar os eventos expressos em V2.

Observamos que, embora recebam interpretações diversas, a determinação da função atribuída às construções do tipo CVPs parece ser de certa forma convergente nos estudos de Coseriu e Rodrigues. Resta, no entanto, mostrar como a sua função de focalização está vinculada à própria origem das CVPs.

Relação entre coordenação e CVPs

Embora a função *intensificadora* ou *focalizadora* das CVPs seja também assinalada por Coseriu, a explicação para a sua emergência é diversa neste trabalho. Temos por hipótese que a própria configuração estrutural herdada da coordenação é responsável pela função focalizadora das CVPs.

A semelhança estrutural entre as CVPs e as construções coordenadas já foi discutida em outros trabalhos, sendo as primeiras classificadas como “pseudo-coordenação” ou “falsa-coordenação” (HOPPER, 2002). Embora seja possível identificar similaridades entre as construções coordenadas e as CVPs, ambas possuem propriedades suficientemente delimitadas que garantem um estatuto construcional independente.

Propriedades que distinguem as CVPs de orações coordenadas

- (i) Em orações coordenadas, diferente de CVP, é possível que V1 e V2 tenham sujeitos diferentes.
- (ii) Oorações coordenadas com sujeitos correferenciais têm uma tendência em marcar o sujeito apenas em V1, sendo que o sujeito em V2 é anafórico (anáfora zero). Contudo, se os sujeitos aparecem explícitos em todas as orações não há nenhuma mudança semântica substancial. Já em CVP, a ocorrência de sujeito em V2 é muito marcada e foi apenas verificado em muitos poucos casos no *corpus*.
- (iii) Verbos de orações coordenadas em Português não precisam compartilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça. Em CVP, os verbos preferencialmente compartilham flexão.
- (iv) Em orações coordenadas, os verbos podem ser negados separadamente ou não. Já em CVP, o marcador de negação, o advérbio não, sempre precede V2.

Coordenação

Tomamos por base os estudos de Charles Bally acerca dos processos de combinação de orações para mostrar o que acreditamos ser uma relação de herança entre as CVPs e a coordenação.

Bally (1965, p. 56) considera que duas orações são coordenadas (fórmula C1 C2) quando (a) C1 constitui um ato de enunciação completo e (b)

quando C1 articula-se como o propósito (*propos*) de C2. A aplicação dos critérios propostos por Bally mostra, por um lado, que as CVPs não podem ser analisadas como um caso de coordenação *stricto sensu*, e, por outro, ajuda a estabelecer que existe, de fato, uma relação de herança entre as duas construções.

Tal como propõe Bally para as construções coordenadas, podemos dividir as CVPs, do ponto de vista da sua estrutura, em dois conjuntos, em que C1 é formado por sujeito + V1 e C2 é formado por V2 + complementos (quando aplicável).

Considerando essa divisão, se os critérios (a) e (b) apresentam-se como propriedades necessárias e suficientes para definir a coordenação, podemos concluir que as CVPs não constituem um caso de construção coordenada, pois C1 não compõe um enunciado independente de C2, como previsto no primeiro critério.

Todavia, em relação ao segundo critério, podemos dizer que C2, ou V2, constitui o rema de C1, ou V1, já que o V1, seguido ou não pela conjunção *e*, introduz V2, que pode ser interpretado como informação remática, nova, mais importante ou mais saliente. A nosso ver, portanto, a estruturação das CVPs pode estar fundamentada na estrutura informacional.

Do mesmo modo que na coordenação observa-se uma relação discursiva entre as orações, as CVPs também apresentam uma função discursiva, na medida em que conduzem a atenção do interlocutor/ouvinte para o fato que será descrito pelo segundo verbo da construção.

Relação de Herança entre as construções coordenadas e as CVPs

Goldberg (1995, p. 67) assume que as construções obedecem alguns princípios psicológicos de organização linguística. Tais princípios auxiliam na compreensão de que uma construção A, por exemplo, motiva a construção B se B é herança de A. A relação de herança possibilita o fato de que duas construções podem, às vezes, ser iguais ou diferentes

Partindo do pressuposto de que as construções coordenadas e as CVPs estabelecem uma relação de herança, propomos que as CVPs parcialmente motivadas, uma vez que refletem a separação de pressuposição (Suj + V1) e foco (V2) em uma estrutura bi-clausal, aparentemente de coordenação. Ademais, as CVPs alocam a expressão do foco, e nenhum outro elemento, na segunda parte da construção, ou, nos termos de Bally, no segundo conjunto, colocando o foco, pois, na sua posição sintática canônica para informação nova ou contrastiva.

A identificação das CVPs como uma construção de foco leva em conta, entre outros aspectos, a possível paráfrase dessas construções em orações simples. De uma perspectiva semântica estritamente referencial, o emprego de V1, que caracteriza as CVPs, não parece agregar nenhum valor específico ao enunciado. Considerando as ocorrências abaixo destacadas, observamos que a

retirada de V1 não acarreta mudança semântica: a presença do V1 foi em (10) em oposição a (11), em que o V1 foi removido, parece não alterar a interpretação dos eventos narrados:

1. Se quer dar alguma coisa é a ela! A mim não me paga nada “. Diz ela assim: “ Eu não quero nada “! Digo assim: “ O quê? Não, a senhora tem que pegar “. “ Não quero nada “. ***Eu fui, agarrei naquele conto..*** Fiquei só com um conto de réis, agarrei em sete contos e dei-lhos. Ela não queria pegar mas eu meti-lho na mão e disse: “ Olhe, isto é para o almoço. Para o jantar ainda cá estou. Isto é só para o almoço “.
2. Eu agarrei naquele conto

Dentre os princípios propostos em Goldberg (1995: 67), o Princípio da Não-sinonímia, que permite a análise das relações entre construções, prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas, logo devem ser semântica ou pragmaticamente distintas”. O Princípio da Não-Sinonímia se desdobra em dois corolários. O corolário A prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, logo não devem ser pragmaticamente sinônimas”. Já o corolário B pressupõe que “se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, logo não devem ser semanticamente sinônimas”. Os aspectos pragmáticos das construções envolvem elementos de sua estrutura informacional, tais como tópico e foco, além de aspectos estilísticos como registro.

Portanto, do ponto de vista referencial (10) e (11) são semelhantes. Considerando o corolário A do Princípio da Não-Sinonímia, podemos afirmar que “*eu fui, agarrei naquele conto*” e “*eu agarrei naquele conto*” são:

- i. sintaticamente distintas, vide a presença de V1 em (10);
- ii. semanticamente sinônimas, já que não há contraste entre as interpretações semânticas de (10) e (11);
logo, (10) e (11) devem ser:
- iii. pragmaticamente diferentes.

Acreditamos que o desdobramento do enunciado em duas proposições acentua o contraste entre pressuposição/tema vs. asserção/foco que define a estrutura informacional do enunciado.

A diferença que se pode observar entre o uso de uma oração simples e uma CVP parece estar relacionada com a maneira que o falante organiza as informações, já que a estrutura informacional não está relacionada a conteúdos lexicais ou proposicionais, mas com o modo como o conteúdo é transmitido.

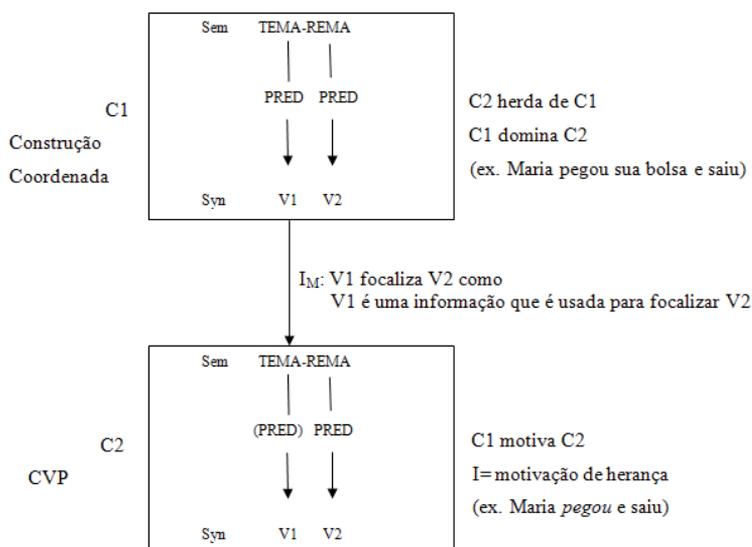
Uma vez que V1 não acrescenta ao tema nenhum valor semântico, propomos que, ao se juntar ao sujeito, contribui para marcar a oposição tema/rema, tendo, portanto, apenas um valor pragmático que pode ser avaliado no nível da estrutura informacional. O V1 aponta a porção focal e favorece a leitura de foco de V2.

Dessa forma, acreditamos que a explicação tanto para o desenvolvimento das CVPs, quanto para a sua ampla distribuição encontra-se no processo de gramaticalização a partir da coordenação, uma vez que essa construção fornece um contexto de focalização que é ampliado e intensificado nas CVPs.

Segundo Goldberg (1995), construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades das construções particulares. Dentre os quatro tipos de ligação de herança propostos, a autora descreve que numa ligação de extensão metafórica (I_M), duas construções são relacionadas metaforicamente via correspondência entre domínios semânticos, de forma que a semântica da construção dominante é “mapeada” na semântica da construção dominada via metáfora.

A hipótese defendida aqui é a de que as CVPs podem ser analisadas como uma estratégia de focalização. As motivações advêm de sua estrutura e podem ser explicadas a partir da ligação de extensão metafórica. O esquema abaixo descreve o tipo de motivação metafórica envolvido no desenvolvimento das CVPs. Na coordenação, temos que a primeira oração veicula uma informação que é usada para focalizar a informação descrita na segunda oração. Ou seja, a primeira oração representa o tema e a segunda introduz uma informação remática (nova ou saliente).

Já nas CVPs, V1, por não comportar conteúdo semântico, não veicula nenhuma informação. No entanto, ao lado da conjunção *e* contribui para a criação de uma expectativa em torno da informação que será introduzida por V2. Ou seja, V1 focaliza o conteúdo proposicional veiculado em V2.



Considerando esse esquema de mudança, nossa hipótese para a trajetória de

mudança das CVPs é apresentada no *cline* abaixo, que prevê ainda a existência de construções intermediárias, altamente ambíguas do ponto de vista estrutural⁹:

| <i>Construção 1 ></i> | <i>Construção 2 ></i> | <i>Construção 3</i> |
|----------------------------|----------------------------|---------------------|
| Construções coordenadas | Construções intermediárias | CVPs |

Considerações Finais

Neste artigo, advogamos a favor de uma relação de herança, nos termos da gramática das construções, entre as construções coordenadas e as CVPs. Mostramos que essa relação pode ser fundamentada a partir da função de focalização, que subjaz à configuração estrutural exibida por esse grupo de construções.

Atribuímos às construções coordenadas o papel de fonte desse processo de mudança, ocupando a posição mais à esquerda do *cline*, pois observamos as construções mais à direita do *cline* sofrerem alterações em suas propriedades formais e funcionais, sinalizando uma mudança de elementos lexicais para gramaticais. Essas alterações correspondem à perda de privilégios sintáticos e ganho progressivo de um valor puramente gramatical. Dessa forma, os processos de mudança envolvidos na relação de herança entre as construções coordenadas e as CVPs sustentam nossa hipótese de que as CVPs possam ser um resultado de um processo de gramaticalização a partir da coordenação.

No estágio atual de nossa pesquisa, podemos apenas descrever um desenvolvimento unidirecional para as CVPs partindo da coordenação. Estudos mais profundos, levando em conta principalmente o tipo de verbo que ocupa a posição V1, podem, todavia, enriquecer as discussões acerca da emergência das CVPs. ☐

Recebido em 07/03/2011. Aceito em 16/03/2011

RODRIGUES, A. ON THE EMERGENCE OF CONSTRUCTIONS: CROSS-LINGUISTICS EVIDENCES

Abstract

The aim of this paper is to discuss, from an approach that seeks to combine the study of construction grammar and grammaticalization, the emergence of the paratactic verbal constructions (PVCs), providing data to a deeper debate about both the widespread distribution of these constructions in Romance languages and the inheritance links between constructions.

Keywords

grammaticalization; construction grammar; Romance languages.

⁹ Nessas construções, os verbos em V1 ainda preservam seus complementos, mas o valor semântico tanto dos verbos quanto dos complementos é opaco, o que atribui a essas construções um caráter altamente ambíguo.

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra. Y. Serial Verb Constructions in Typological Perspective. In: Aikhenvald, A. and Dixon, R.M.W. (eds.) *Serial verb constructions: a cross-linguistic typology*. (Explorations in linguistic typology, vol. 2). Oxford: Oxford University Press. xxiv, 2005, 369 p.
- ARNAIZ, Alfredo. & CAMACHO, José. 1999. "A Topic Auxiliary in Spanish" In: Gutiérrez-Rechach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston, Cascadilla Press.
- BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique historique*. 4.ed. Berne: Éditions Francke, 1965 [1944].
- BYBEE, Joan. L., PERKINS, Revere. D. & PAGLIUCA, William. 1991. Back to the future. In: Traugott, E. C. & B. Heine (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Vol. II Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-58.
- BYBEE, Joan. L.; PERKINS, Revere. D. & PAGLIUCA, William. 1994. *The evolution of grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press.
- BISANG, Walter. Grammaticalization and language contact, constructions and positions. In: Anna Giacalone Ramat & Paul Hopper (eds.). *The Limits of Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1998, p. 13-58.
- COSERIU, Eugene. Tomo y me voy. Um problema de sintaxis comparada europeia. In: *Estudios de Linguística Românica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977, p. 79-151.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions. A constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KILIAN-HATZ, Christa. Serial Verb Constructions in Khwe (Central-Khoisan). In: Aikhenvald and Dixon eds. *Serial verb constructions: a cross-linguistic typology*, 2005, p. 108-123.
- PULLUM, Geoffrey K. 1990. "Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English" In: Joseph, B. D. and Zwicky, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs*. The Ohio State University, Department of Linguistics.
- RODRIGUES, Angélica T. C. *Eu fui e fiz essa tese: As construções do tipo foi fez no Português do Brasil*. Tese defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. Campinas/SP, 2006.
- RODRIGUES, Angélica. *Ir e pegar nas construções do tipo foi fez: gramática de construções e contexto de gramaticalização*. In: Castilho, Ataliba T. de (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 267-278.

STEFANOWITSCH, Anatol. "The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events". In: Nordquist, D. & C. Berkenfield. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Grammaticalization and Construction Grammar. In: Castilho, Ataliba T. de (org). *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.